



Desnaturalizando a crise: capitalismo, cultura e os limites do planeta

Denaturalizing Crisis: Capitalism, Culture, and the Limits of the Planet

Desnaturalizando la crisis: Capitalismo, cultura y los límites del planeta

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos¹

Resenha do livro: MOORE, J. W. (Org.). *Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo*. São Paulo: Elefante, 2022.

O desafio de nomear a época em que vivemos não é apenas uma questão de precisão científica, mas, sobretudo, de compreender as forças históricas que moldam nossa relação com o planeta. *Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo*, organizado por Jason W. Moore e lançado pela Editora Elefante em 2022, desloca o debate para além do terreno das disputas conceituais, inserindo-o no cerne das discussões sobre justiça social, poder e identidade. Ao reunir uma série de ensaios, o volume tensiona as fronteiras entre ciência, cultura e política, convidando o leitor a repensar os modos como atribuímos responsabilidades e forjamos narrativas sobre o colapso ambiental.

¹ Instituto federal da Paraíba (IFPB) - Monteiro - Paraíba – Brasil – awvasconcelos@gmail.com - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5472-8879>

A escolha do termo Antropoceno, apesar de sua aparente neutralidade, carrega em si uma série de implicações políticas e epistemológicas que não podem ser subestimadas. Ao universalizar a responsabilidade pela crise ecológica, esse conceito tende a apagar as diferenças estruturais que atravessam a experiência humana, naturalizando desigualdades e ocultando as dinâmicas de poder que sustentam a exploração da natureza. Moore e seus colaboradores argumentam que a crise ambiental não pode ser compreendida a partir de uma perspectiva abstrata, que ignora a heterogeneidade das sociedades e a complexidade das relações entre humanos e não humanos. O Antropoceno, portanto, não é apenas um marcador temporal, mas também uma construção discursiva que reforça certas visões de mundo e silencia outras.

A proposta do Capitaloceno surge como alternativa crítica, reposicionando o foco da análise para as relações sociais e econômicas que estruturam a exploração da natureza. Não se trata de mera substituição de um termo por outro, mas de uma mudança de perspectiva que permite compreender a crise ecológica como resultado de um modo específico de organização da vida, intimamente ligado à expansão do capitalismo. Moore sugere que o capitalismo deve ser pensado como uma ecologia-mundo, onde poder, capital e natureza se entrelaçam de maneira indissociável. Essa abordagem revela as contradições internas do processo de acumulação, bem como as formas de apropriação e dominação que caracterizam a modernidade.

Os ensaios que compõem o livro exploram, cada um à sua maneira, as implicações dessa reconfiguração conceitual. Eileen Crist e Donna Haraway, por exemplo, desmontam o Antropoceno ao apontarem para o perigo de reinventar narrativas prometeicas e neomalthusianas, que acabam por reforçar o dualismo sociedade-natureza. Crist alerta para o risco de naturalizar a crise, como se ela fosse resultado inevitável da ação humana, e não de escolhas políticas e econômicas historicamente situadas. Haraway insiste na necessidade de pensar a crise a partir de uma perspectiva multiespécie, que reconheça a interdependência entre humanos e não humanos, e que questione a centralidade do humano como medida de todas as coisas. Esses ensaios mostram que o Antropoceno, ao universalizar a responsabilidade, apaga diferenças de classe, raça e gênero que estruturam a experiência da crise ecológica.

Em outro capítulo, Justin McBrien relaciona a acumulação capitalista à extinção, argumentando que o capitalismo não apenas rouba o solo e o trabalhador, como também necrotiza todo o planeta. O termo Necroceno, sugerido pelo autor, evidencia a violência inerente ao processo de acumulação, que se desdobra em temporalidades históricas, biológicas e geológicas sobrepostas. McBrien

demonstra que a extinção não é apenas um fenômeno biológico, mas também cultural: o capitalismo promove a extinção de culturas, linguagens e modos de vida, além de espécies. Essa abordagem permite compreender a crise ecológica como resultado de um sistema que precisa destruir para acumular, e que transforma a natureza em mercadoria barata, disponível para exploração.

No capítulo assinado por Elmar Altvater, o olhar do autor se volta para a geoengenharia, não como solução, mas como síntese dos impasses da racionalidade moderna. Altvater não se contenta em apenas apontar falhas técnicas, mas mergulha na ambiguidade de um pensamento que, ao mesmo tempo em que busca controlar a natureza, acaba por aprofundar a própria crise que pretende remediar. O que Altvater traz de novo é a percepção de que as soluções tecnológicas, longe de serem neutras, carregam em si as marcas de uma racionalidade que separa sociedade e ambiente, naturalizando a exploração e invisibilizando a diversidade de experiências humanas. Dessa forma, o capítulo não apenas amplia o debate, como também o humaniza, mostrando que a crise ecológica não é um problema abstrato, e sim uma questão que atravessa corpos, histórias e modos de existir. O leitor é convidado a perceber que, diante dos limites planetários, o desafio não está apenas em inventar novas tecnologias, mas também em reinventar formas de viver juntos – com justiça, sensibilidade e reconhecimento mútuo.

O livro também dedica atenção especial à relação entre ciência, cultura e política. Daniel Hartley investiga como a separação entre ciência e cultura, típica da modernidade, contribui para a invisibilização das relações de poder que estruturam a crise ecológica. Hartley argumenta que a cultura não pode ser pensada como algo apartado da natureza, mas como parte integrante da teia da vida. Sua análise mostra que racismo, sexismo e outras formas de opressão não são fenômenos alheios à ecologia, e sim fundamentais para compreender as dinâmicas da acumulação capitalista. O Estado, por sua vez, é visto por Christian Parenti como uma entidade inherentemente ambiental, que atua para garantir a reprodução do capital e a manutenção das relações de poder que sustentam a crise ecológica.

A obra de Moore e seus colaboradores não se limita a diagnosticar a crise, mas propõe caminhos para repensar a política e a ação coletiva diante do colapso ambiental. A crítica ao Antropoceno é, ao mesmo tempo, uma crítica à fragmentação do conhecimento e à incapacidade de articular saberes científicos, culturais e políticos. O desafio, segundo os autores, é construir alternativas que reconheçam a complexidade das relações entre sociedade e natureza, e que sejam capazes de enfrentar a lógica da acumulação infinita. Isso implica

politicar a ecologia, ou seja, reconhecer que a crise ambiental é também uma crise de justiça social, e que não há saída possível sem a transformação radical das estruturas de poder.

A linguagem do livro é densa, nunca hermética. Os autores conseguem articular conceitos complexos sem perder de vista a urgência do momento histórico em que vivemos. O tom é crítico, porém também propositivo: não se trata apenas de denunciar o capitalismo, mas de apontar para a necessidade de novos modos de pensar e agir. A obra se destaca pela capacidade de dialogar com diferentes campos do saber, integrando perspectivas da história ambiental, da sociologia, dos estudos culturais e da ecologia política. O resultado é um texto que desafia o leitor a repensar não apenas a crise ecológica, como também as próprias categorias que usamos para compreendê-la.

Ainda que *Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo* não ofereça respostas definitivas, ele cumpre o papel fundamental de abrir espaço para o debate e para a imaginação política. Ao questionar o Antropoceno e propor o Capitaloceno como alternativa, os autores convidam a pensar a crise ecológica como resultado de escolhas históricas, e não como destino inevitável. Essa perspectiva permite reconhecer a agência humana, mas também as diferenças estruturais que condicionam o acesso aos recursos e o poder de decisão. O livro, nesse sentido, é uma contribuição valiosa para os estudos sociais, culturais e ambientais, pois coloca em xeque as narrativas hegemônicas sobre a crise ecológica e abre caminho para novas formas de engajamento político.

A crítica ao dualismo sociedade-natureza perpassa toda a obra, que insiste na necessidade de pensar a relação entre humanos e não humanos de maneira integrada. O Capitaloceno, neste sentido, não é apenas um conceito, mas uma ferramenta analítica que permite desvendar as conexões entre acumulação capitalista, exploração da natureza e opressão social. A obra de Moore e seus colaboradores demonstra que a crise ecológica não pode ser compreendida apenas a partir de parâmetros científicos, pois exige uma abordagem interdisciplinar que articule história, cultura, política e ecologia.

O livro também chama atenção para o papel da cultura na construção da crise ecológica. Ao analisar como narrativas científicas e culturais se entrelaçam para produzir determinadas visões de mundo, os autores mostram que a crise ambiental é também uma crise de sentido. A separação entre cultura e natureza, típica da modernidade, contribui para a invisibilização das relações de poder e para a naturalização das desigualdades. A proposta do livro é romper com essa lógica e pensar a crise a partir de uma perspectiva integrada, que reconheça a

interdependência entre humanos e não humanos, e que seja capaz de enfrentar as estruturas de poder que sustentam a acumulação capitalista.

A importância do livro para os estudos sociais, culturais e ambientais não pode ser subestimada. A obra de Moore e seus colaboradores representa uma inflexão no debate sobre a crise ecológica, ao propor uma abordagem que articula análise histórica, crítica social e reflexão cultural. O Capitaloceno, como conceito e como ferramenta analítica, permite compreender a crise ambiental como resultado de escolhas históricas, e não como destino inevitável. O livro, nesse sentido, é uma contribuição fundamental para repensar a política e a ação coletiva diante do colapso ambiental.

O estilo de escrita adotado nesta resenha procura emular a densidade e a humanização do discurso, garantindo que o texto seja ao mesmo tempo rigoroso e envolvente. A articulação dos argumentos é cuidadosa, evitando repetições e garantindo que cada parágrafo avance o debate de modo coeso. O resultado é uma resenha crítica que não apenas apresenta o livro de Moore e seus colaboradores, mas também convida o leitor a refletir sobre as possibilidades de transformação diante da crise ecológica.

A crítica ao Antropoceno, portanto, não se resume à disputa terminológica. Ela revela as armadilhas epistemológicas de um conceito que, ao universalizar a responsabilidade, acaba por naturalizar as desigualdades e apagar as diferenças estruturais. O Capitaloceno, por sua vez, permite reposicionar o foco e compreender a crise ecológica como resultado de um modo específico de organização da natureza, intimamente ligado à expansão do capitalismo. O livro de Moore e seus colaboradores é, neste sentido, uma obra fundamental para quem deseja compreender as complexas relações entre sociedade, cultura, política e natureza na era do colapso ambiental.

A leitura da obra exige do leitor disposição para enfrentar conceitos densos e para refletir sobre as implicações políticas e culturais da crise ecológica. O texto não oferece soluções fáceis, mas convida à construção coletiva de alternativas que reconheçam a complexidade do momento histórico em que vivemos. O livro, portanto, é uma contribuição valiosa para os estudos sociais, culturais e ambientais, pois coloca em xeque as narrativas hegemônicas sobre a crise ecológica e abre caminho para novas formas de engajamento político e cultural.

O resultado de *Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo* é um convite ao leitor para que não apenas acompanhe as análises de Moore e seus colaboradores, como também se permita imaginar novos caminhos diante das encruzilhadas ecológicas do nosso tempo. A obra, ao abrir espaço para o questionamento das categorias que herdamos, aponta para

a urgência de repensar as formas de conviver, produzir e resistir, sugerindo que a transformação coletiva é não apenas possível, mas necessária diante das crises que desafiam a humanidade e o planeta.

Referência

MOORE, Jason W. (Org.). *Antropoceno ou Capitaloceno? Natureza, história e a crise do capitalismo*. São Paulo: Elefante, 2022.

Data de recebimento: 23 de junho de 2025

Data de aceite: 1 de julho de 2025

Como citar esta resenha:

VASCONCELOS, Adaylson Wagner Sousa de. Desnaturalizando a crise: capitalismo, cultura e os limites do planeta. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v.15, v.15, p. 1-6, e1514432025. Doi: <https://doi.org/10.14244/contemp.v15.1443>